

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre em 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre em 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—26 DE FEVEREIRO DE 1882—N.º 1—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre em 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre em 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—Paços municipaes de Audenarde; Joanna Grey; A albaneza; O captivo.

TEXTOS:—Actualidades, por Tekel; As nossas gravuras, por P. C.; Ad astra, por J. da Camara; Scenas da vida americana, por A. Brehat; O Domingo historico, por A. O. Rosicler, por Marcelino Mesquita, Horas d'ocio, Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amers; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Chronica escripta em tempo de penitencia tem de ser grave como um juiz do crime, austera como a palavra d'um sacerdote, lugubre como o dobrar de um carrilhão.

Está até parecendo-me que um *Memento homo* arrancado das profundas da garganta, um *Memento homo*, bem trovejado, com voz rava e soturna, não seria fora de proposito.

Trovejemol-o: — *Memento homo*.

E agora noto que a Santa Madre Igreja recorda ao homem que é pó, exactamente na occasião em que de modo algum elle o podia ignorar: isto é, em quarta feira de cinza, quando o homem todo enfarinhado, para vêr que é pó lhe basta pôr-se diante d'um espelho, ou levar a mão á cabeça.

De modo que os penitentes têm um tal ou qual direito de responder aos padres que do alto dos pulpitos lhes bradam: — *pulvis es*; — Bem sei! Ora que novidade! Foi hontem em casa do conselheiro! Custa a tirar como o diabo!

Quarta feira de cinza! Não conheço dia mais sensabor.

É um dia que é um bocejo. Meia cidade deita-se de manhã, caçada, estafada, cheia de somno e de dores nos pés, com a cabeça esvaída e a bolsa vasia.



PAÇOS MUNICIPAES DO AUDENARDE

Toda esta gente acorda ali pela tarde, quando o sol vai dormir.

A hora é melancolica por natureza, mas só podem comprehender a immensa tristeza que então se apossa d'uma alma christã — christã ou moura — os que passaram tres noites em claro e pouco dormiram de dia.

O primeiro somno não consegue restaurar as forças: o nosso espirito não está firme; ha confusão nas nossas idéas, — em tudo que nos cerca existe o que quer que seja de vago.

De quando em quando agitam-nos pequenos sobresaltos; parece-nos ouvir uma risada, o tinnir de guisos, um grito...

Depois, com alguma dificuldade, conseguimos pôr a pouco reunir as idéas, — como vulgarmente se diz, — subito, lembramo-nos de alguma scena em que fomos actor, ou simples espectador... Mas tudo isto é nebuloso, sem contornos definidos, como que visto atravez da gaze de um sonho.

É por estas alturas que surge a *moideira*, um cansaço especial que parece estar á espera do primeiro somno para depois vir fazer-nos os seus cumprimentos.

— Ai! minha perna!

— Parece que levei uma sova!

— Nem posso pôr os pés no chão!

— Estou partido pela cinta!

Mas, para compensar esta *moideira*, alguns, os felizes, os felizes que foram heroes em qualquer aventura galante, tem este

precioso manjar que se chama: — saborear o peccado! E é tão bom saborear-o, — tão bom! Estamos em tempo de penitencia e não devíamos dizer isto... Mas a verdade é esta: — tão bom saborear-o!

Estar uma pessoa muito bem sentada n'um bello sophá, um sophá como «*Le sofa sur le quel Hassan était couché*» fumando um magnifico charuto; estar uma pessoa assim, a recordar, a recordar...

A recordar coisas que se passaram...

Pecca-se duas vezes, — é facto —, mas tambem duas vezes se goza!

E agora minhas senhoras, agora senhores: vamos, atraias para longe de vós esses brilhantes fatos cobertos de lantejoulas e de canutilho; arremessae pela janella os vossos elmos de papel dourado, as vossas espadas, inoffensivas espadas de pau cobertas de papel prateado, — fôra, fôra, com tudo isso.

Tu, linda morena, despede-te da tua barretina de vivandeira, que tanta gaiatice dava ao teu rosto travesso; tu, ô pallida loira, diz o ultimo adeus ao *costume* de pastorinha que levaste aos bailes publicos, para demonstrar, mais uma vez, que o habito não faz o monge: tu endiabrado *pierrot* atira o ultimo pontapé ao nariz d'esse gordo burguez... e tu...

Mas que dizemos, — ha muito que todos estão serios e graves.

Os padres occupam os confessionários: a igreja está cheia de arrependidos: a gargalhada estridula foi substituida pelas lamentações dos peccadores: os psalmos de penitencia entoados pelas vozes soturnas dos sacerdotes, abafaram as derradeiras notas das alegres orquestras: a cinza espalha-se por cima de todas as cabeças: ao galanteio succedeu a oração: á phrase apaixonada, o *pesa-me Senhor*: á declaração de amor, a confissão dos peccados: — secou-se o riso nos labios, e as lagrimas humedecem as faces: — não se dança, — ajoelha-se: não se ri, reza-se: não se folga, — chora-se.

O ministro de Deus subiu ao pulpito, — e, severo, grave, austero, acaba de levantar o brado que a igreja repete a todos os fieis: — *memento homo*.

Escrever chronica mais séria hão de concordar que não era facil.

Se não choraram, é que em vez de coração tem um seixo, um calhau, uma rocha, um penedo...

O que, por forma alguma quer dizer que, em vez de coração tenham o sr. Pedro Penedo da Rocha Calhau...

TEKEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

Paços municipaes do Audenarde

Esta pequena cidade belga, hoje pobre e deradente, foi out'ora uma terra importante, não pela sua população, que nunca excedeu 8 a 10.000 habitantes, mas pela sua industria que foi notavel nos seculos XVI e XVII. Aconteceu porém uma coisa singular: Audenarde tornara-se celebre pelos seus tapetes. Henrique IV mandou ir para França operarios que transplantaram para esse paiz a sua industria, que definhou entretanto na terra d'onde era originaria.

No seculo XVI, porém, de 1525 a 1530, o municipio de Audenarde era ainda bastante rico para mandar construir esses paços municipaes, um dos mais bellos monumentos do ultimo periodo da arte gothica, monumento que a nossa gravura representa. A torre, que tem no cume uma estatua de cobre

vermelho empunhando a bandeira da cidade, é de 40 metros de altura, e parece brotar de um portico de sete arcadas que supportam a fachada principal do monumento. De um e d'outro lado da torre estendem-se duas alas com dois andares de janellas gothicas elegantes, coroadas de cruzes e rodeiadas de nichos do mais bello lavor. Na parte superior do monumento reina uma galeria que forma uma vasta e sumptuosa sacada.

O portal da sala dos burgo-mestres e vereadores, notavel sobretudo pelos seus arabescos elegantissimos, é uma obra prima de escultura em madeira. Todo o edificio tem uma forma original, e o architecto soube tirar-se com honra da difficuldade de fazer uma torre tão alta sem esmagar completamente o resto do monumento. Chamava-se esse architecto Van der Peede.

Joanna Grey

Houve um periodo na historia de Inglaterra, que foi como que o Terror, promovido não pelos demagogos, mas pelos soberanos, periodo em que umas poucas de cabeças coroadas rolam successivamente no patibulo, cabeças feminis demais a mais, resplandecentes de formosura e de mocidade — Joanna Grey, Anna Bolena, Maria Stuart, a criança descuidada, a esposa adorada loucamente, a peccadora de amor — cabeças cingidas não só pelo diadema das rainhas, mas por outros mais brilhantes ainda, o da innocencia, o do martyrio e o da poesia.

Esse periodo da historia ingleza é o periodo dos Atridas. Occupa o throno uma familia tragica. Reina Henrique VIII, o Barba Azul coroado, verdadeiro monstro de lascivia e de sangue, que accende as fogueiras onde se queimam os protestantes, e depois levanta as forcas onde se penduram os catholicos, que renega o catholicismo para desposar Anna Bolena e que envia depois Anna Bolena ao cadafalso. Sae d'este homem estranho uma familia estranha: Eduardo VI, pobre e debil criança, que morre como que envenenado pela athmosfera viciada e deletoria d'aquelle palacio do crime, Maria Tudor, a sanguinaria, a mulher de Philippe II, Isabel, a rainha varonil e implacavel. Cada uma d'estas duas pantheas precisou de dilacerar alguma doce mulher suave e meiga; Maria Tudor teve Joanna Grey, Isabel teve Maria Stuart.

Joanna Grey era uma pobre criança, que nascera em 1536, e que era filha do marquez de Dorset, neta da duquesa de Suffolk e bisneta de Henrique VII, rei de Inglaterra. Mal pensava ella que esse parentesco, de que seus pais se ufanavam, lhe seria fatal! Joanna Grey estava bem longe de pensar no throno; educada nas terras de seu pai, instruida solidamente como o eram as meninas nobres do seculo XVI, sabendo grego e latim como Margarida de Navarra ou como a infanta D. Maria de Portugal, encontrara n'esses estudos um inexprimivel prazer. Encantavam-na os philosophos gregos. Conta-se que uma vez, enquanto os hospedes da sua familia se entregavam alegremente ao prazer da caça, enquanto lá fóra se ouvia o relinchar alegre dos cavallos, o latir dos cães, o *hallali* das buzinas, os risos alegres e estridentes dos caçadores, Roberto Ascham a foi encontrar sosinha no seu quarto, lendo em grego o *Phedon* de Platão, esse canto sublime da immortalidade da alma. Parecia que um triste presentimento a fazia já enlevar-se nos sonhos da immortalidade, que devia tão livremente começar para ella.

Seu tio,, o duque de Northumberland, era, porem, um ambicioso. Eduardo VI estimava carinhosamente Joanna Grey, que fóra sua companheira de infancia; Joanna Grey amava seu primo o filho do du-

que de Northumberland. Eram pouco sympathicas, as filhas de Henrique VIII, era-o muito a bisneta de Henrique VII. Com todos estes elementos organisou um plano o duque de Northumberland. Eduardo VI expirava na flor da vida, e facil foi ao duque seu favorito, dictar-lhe um testamento, em que declarava herdeira do throno Joanna Grey. Esta acceitava entretanto com jubilo a mão de seu filho; mas não foi com jubi'o igual que acceitou a corôa de Inglaterra. Era esse porém o sonho de todos os que a rodeavam. Resignou-se, presentindo que os degraus do throno seriam para ella apenas os primeiros degraus do patibulo. Tudo lh'o indicava a frieza profunda com que a acolheram em Londres. Não a conhecia o povo; que via diante de si uma creança, duas crianças, e por traz d'elles a mão avida do duque de Northumberland. O reinado de Joanna Grey era a continuação do governo do duque, e o povo, quando se ergue uma nova realza, quer mudanças, e odeia sobretudo estas realzas de *fantoccini*, cujos fios estão nas mãos occultas de um outro vulto. Maria Tudor era a novidade, era sobretudo a realza pessoal, era, o que tambem não deixava de ser altamente importante, a legitimidade. Destronar a filha legitima do rei fallecido para dar a realza a uma prima afastada, constituia, deve confessar-se, uma violação de todas as regras. Por isso Maria, refugiada no condado de Suffolk, teve dentro em pouco um exercito as suas ordens. Até os protestantes a aclamaram. E com tudo Maria Tudor era catholica ferocissima, e Joanna Grey protestante! Reinou apenas oito dias a pobre criança. Em fevereiro de 1554 foi decapitada. Tinha 18 annos. Seu marido e seu tio morreram tambem. Abria-se com essa doce victima a longa lista das carnificinas de Maria Tudor — a sanguinaria.

A pintura immortalizou essa juvenil e sympathica physionomia. Os quadros mais celebres são o de Paulo Delaroche, que representa a morte de Joanna Grey, e o de Horsley que representa a scena em que Roberto Ascham surprehe Joanna Grey a ler em grego o *Phedon* de Platão, enquanto lá fóra desenhava uma caçada as suas ardentes e doidejantes choreas. E' d'este copia a nossa gravura.

A albaneza

A attenção da Europa tem-se voltado ultimamente para esta parte da Turquia — a Albania. Em 1875 a insurreição da Bosnia e da Hercegovina deitou fogo á mina de pólvora, que existe sempre no Oriente. Seguiu-se em 1876 a guerra com a Servia, em 1877 a guerra entre a Turquia e a Russia, depois a questão das fronteiras da Grecia, a celebre questão com o Montenegro por causa do porto de Antivari, a demonstração naval, a liga albaneza e tudo que d'ahi tem resultado. O imperio de Mahomet II esphacelase, e é de certo pelo occidente que principiará ou antes que continuará o *debate*. A Grecia é um foco de atracção para as provincias gregas que ainda estão sujeitas á Turquia, o Montenegro é um outro foco de atracção para as provincias habitadas por povos da mesma raça que confinam com o pequeno principado. Assim como é evidente que dentro em pouco o Epiro e a Thessalia pertencerão ao pequeno reino hellenico, assim tambem é evidentiissimo que a Albania será dentro em pouco tempo absorvida pelo Montenegro.

Temos obrigação portanto de nos occupar tambem d'esses paizes. A Albania esquecida pela Europa desde o tempo de Ali-pachá, que os versos de Victor Hugo e as aventuras de Fernando de Morcerf no *Monte Christo* fizeram tão conhecido dos leitores occidentaes, volta hoje a chamar-lhes a attenção. Oc-

cupemo-nos da Albânia, e começamos por nos occupar das Albanezas.

As mulheres albanesas são em geral formosas, de porte magestoso, de physionomia regular, de feições delicadas e distinctas. A que a nossa gravura representa pertence de certo á religião christã. O seu feto é simples, um vestido de burel, um pequeno chale de côr vistosa, um pedaço de fazenda elegantemente disposto nos cabellos, um triplice fio de coral ao pescoço. Parecem-se as Albanezas com as Montenegras, mas distinguem-se d'ellas por um certo ar de languidez, que á inferioridade da condição social das mulheres nos paizes musulmanos explica facilmente.

O captivo

Foi no Sul que o auctor d'esta composição tocante procurou o seu assumpto. A prisão, estabelecida no pavimento terreno de um velho edificio, é uma prisão italiana. A pobre mulher, que vem visitar seu marido e trazer-lhe o beijo do seu filho, tem o typo e o feto das camponesas dos arredores de Napoles.

O artista ainda accentuou a côr local, pondo no meio do chão um d'esses grandes cabazes de palha em que os aldeãos do sul da Italia levam figos ao mercado.

Ao fundo, atravez de uma abobada, ornada de um crucifixo, distingue-se uma vasta construcção militar de aspecto antigo, e vê-se uma velha conversando com um soldado a quem pede provavelmente licença tambem para visitar algum parente encerrado n'esse sombrio asylo.

O grupo do captivo, da mulher, e da creança é notavel pela pureza das linhas, e pela elegancia do desenho.

P. C.

AD ASTRA

Quando o tio Bernardo, deitando o barrete de pelles para o lado, começava a apontar para o tecto as nuvens de fumo do seu negro cachimbo de gesso, era escusado fallar-lhe; só se obtinha como resposta um dito de mau humor ou pelo menos um disparate. Estava pensando no Brasil, no seu Brasil, como elle dizia.

E era tratar de não fazer bulha, enquanto elle, sorrindo para os flôrões do tecto, recordava scenas da mocidade, temporaes vencidos pelo arrojo, amores de creoulas gentis, muito oiro ganho com um só bafejo da sorte.

— O tio Bernardo está no Brasil, diziamos nós baixinho.

E quando o cachimbo se lhe apagava, olhava para nós a rir e sacudindo a cinza na unha rugada e negra:

— Cá estava eu outra vez com as minhas distrações! Diabo de tabaco! E' talvez por ser americano, que não sou capaz de fumar o sem que logo me ponha a sonhar com a America! Estava pensando agora...

E começava então uma historia que tínhamos ouvido mil vezes. Eu e minha irmã iamõs sabindo devagarinho e elle concluia-a dirijindo-se a minha mãe, que, sentada na ampla poltrona de tabua, pouco a pouco adormecia serenamente.

Chegam-me as lagrimas aos olhos, quando agora depois de tantos annos me recordo d'esses tempos.

A nossa casa era a mais alegre da villa, no alto dos rochedos, sobranceira ao mar. Era muito pequena, mas sempre muito caida, e davam-lhe um certo ar as gelosias verdes das janellas. Á roda havia uma cercadura de ninhos, e todas as manhãs, no verão, accordava ouvindo cantar as andorinhas.

No inverno era mais triste. Quando havia temporal, as ondas salpicavam os vidros e minha irmã mais pequena, assustada como um passarinho, escondia a cabecinha loira, debaixo do chaile de minha mãe, que, sentada á lareira, lembrando-se do marido e do filho mais velho, que andavam nas aguas do mar, resava o credo em cruz.

Nós não eramos dos mais infelizes; nunca soube o que era a miseria. Depois que o tio Bernardo chegou, houve até sempre, lá em casa, um certo conforto, uma certa despreoccupação pelo dia seguinte que francamente não havia antes.

É que o tio Bernardo, além de vir dono d'um cabique, trazia consigo uma caixinha de ferro cheia até acima de muitas boas libras.

Meu pae, que viera com elle como piloto, pouco tempo se demorou connosco.

O tio Bernardo disse-lhe um dia depois da ceia:

— Olha, irmão; o que ali está... (e apontava para a tal caixinha) o que ali está chega-me para aqui poder acabar socegradamente os meus dias. Sabes que mais? Pou-te de presente o meu cabique. Não tenhas cuidado na mulher e nos filhos. O teu mais velho tem quinze annos; que vá contigo. Vai, e sê tão feliz, como eu fui.

Era sina de todos ali—o mar. Os mais desgraçados eram pescadores; os outros partiam quasi todos para o Brazil; alguns voltavam pilotos, alguns commandando por sua conta; eram os mais felizes. Alguns tambem... nunca voltavam.

E era a lembrança d'estes que tornava tão triste a lareira nas longas noites de temporal.

* *

Um dia parti para a escola um bocado mais cedo que de costume, porque desejava passar pelo quintal do padre prior, onde tinha visto uma figueira deitar por cima do muro, para o lado do caminho, um dos ramos todo cheio de figos brancos, tentadores.

O mestre, ou porque desejasse lisongear o tio Bernardo ou porque na verdade eu me dedicasse ao estudo um pouco mais do que os outros, quando ao domingo depois da missa nos encontrava a passear na Praça, nunca deixava de me dizer, tocando-me com dois dedos na cara.

— Ah! que se o teu tio quizesse... havias de ir longe.

Eu não sabia bem o que elle queria dizer com aquella *ir longe*. Lembrava-me logo do Brasil. Mas porque razão eu e não os outros?

N'aquelle dia, quando eu já de vara na mão me dispunha a roubar quatro figos ao prior, ouvi de repente atraz de mim a voz de meu tio e senti um calafrio pela espinha.

— Olá, rapaz! Que andas tu por ali a gaiatar, em vez de irés direito para a escola?

Voltei-me todo assustado e vi-o á janella do prior, que felizmente para mim desatou ás gargalhadas.

— Espera ahí que te quero fallar.

Esperei, mas quando chegou ao pé de mim, appesar de nunca me ter batido, achei prudente defendêr-me e com as duas mãos tapei as orelhas e a nuca.

O tio Bernardo poz-se a rir.

— Não tens vergonha!

Começou andando ao meu lado muito depressa. As vezes parava para limpar o suor.

— Sabes o que vou fazer? perguntou-me elle. Vou ver se o que o teu mestre diz de ti é verdade. Vou assistir á escola.

Tremeram-me as pernas. Se ainda depois de me ter visto a roubar os figos, me fosse ver a atrapalhar-me á pedra! Eu sabia perfeitamente a lição, mas já me tinha acontecido esquecer-me tudo de repente. Fiz uma promessa d'uma vela de cera á Senhora dos Milagres e com mais alguma confiança entrei na escola e fui pedir a benção do mestre.

Chegamos um pouco tarde. Estava o Patricio á pedra.

O tio Bernardo fez um pequeno signal para que ninguem se incomodasse e sentou-se ao pé do mestre. Eu caminhei gravemente para a minha carteira.

O Patricio, coitado, estava um pouco atrapalhado.

Parece-me ainda estar vendo-o com as calças de quadradinhos, remendadas, muito curtas, o ventre muito saliente, o que lhe dava um pequenino aspecto grave, a camisa de panno cru aberta sobre o peito, e dois bocados de ourelo a servirem-lhe de suspensorios. Com as mãos nas algibeiras, os olhos muito injectados, e as azas do nariz a tremer, ouvia colérico a reprehensão do mestre.

Não foi nunca dos mais felizes, coitado! Por ali ficou sempre. Tem quatro ou cinco medalhas ao peito e todos os dias a fome em casa.

— O senhor... disse o mestre apontando para mim.

Ergui-me e pegando no giz acabei n'um instante a conta que tanto atrapalhara o Patricio.

— Muito bem. Tire a prova dos nove. É o que eu digo, murmurou, quando acabei. Has de ir muito longe.

O tio Bernardo pediu ao mestre que me fizesse mais algumas perguntas. Á todas respondi com muito animo e desembaraço.

— Muito bem. Pode sentar-se.

O meu tio levantou-se dizendo-me:

— Estou contente contigo, rapaz.

E saiu.

Ao jantar reparei que meu tio e minha mãe deviam ter fallado a meu respeito. Apenas eu abria a bocca para fallar olhavam um para o outro e tossiam com um certo ar mysterioso. Minha mãe teve varias alternativas de alegria e de tristeza.

Quando a via alegre, pensava:

— O tio fallou-lhe na lição.

E, quando a via triste, lembrava-me dos figos. Se elle soubesse...

Quando o jantar acabou, o tio Bernardo chamou-me e disse-me:

— Ouve cá. Tu tens uma cara seria e o teu mestre, que deve ser n'isso entendido, diz que aqui dentro tens mais alguma do que os outros.

E batia-me com os nós dos dedos na cabeça.

Eu estava radiante de alegria.

— Além d'isso tens os pulsos muito fraquitos, e isso é o diabo para um homem do mar.

A conversa tomava de repente para mim um caminho inesperado. Se os pulsos eram fracos, e isso era o diabo para um homem do mar, que me importava a mim o que mestre dizia que eu tinha dentro da cabeça?

Olhei para minha mãe. Minha mãe sorria.

— Ainda agora, continuou meu tio, estive a conversar com o padre prior a teu respeito. Aquillo é que é vida, meu filho; padre!

— Não quero! disse eu, dando um murro em cima da mesa. Não quero ser padre.

— Ninguem te obriga, rapaz. Ha outras vidas tão boas ou melhores até. Medico, por exemplo.

— Não quero!

E olhando pela janella, vi no extremo horisonte, lá onde o céu vac beijar o mar, alvejar uma velasinha, que me pareceu estar tambem do meu partido, gritando-me lá de longe:

— Fazes muito bem. Não queiras ser medico, não queiras ser padre. Olha para mim. A felicidade sou eu.

Lisboa!

Este nome soou-me aos ouvidos como uma palavra magica.

Lisboa! Eu ia partir para Lisboa, que nunca tinha visto, mas cujo nome só me despertava na imaginação mil sonhos encantadores, mansões de fadas, prodigios de riqueza!

O mestre na escola adiante de todos deu-me um grande abraço e disse-me:

— Continua a estudar, meu rapaz. *Sic itur ad astra.*

Eu muito envergonhado, para fazer alguma coisa, bafejava a palla do bonet e limpava-a depois á manga da jaleca.



JOANNA GREY

— Pois não queiras, gritou meu tio.

E começou a passear pelo quarto, tirando grandes fumaças do cachimbo.

Eu espantado da minha audacia, tinha baixado tristemente os olhos, e, muito amuado, coçava a cabeça.

— Lá no collegio, durante estes annos, tens muito tempo para te decidires, disse meu tio parando adeante de mim. Amanhã partes comigo para Lisboa.

Ergui immediatamente a cabeça e cheio de alegria ria de rijo.

Olhei movamente para minha mãe. Minha mãe, coitadinha, chorava.

— Vamos, disse meu tio batendo-me com a mão no hombro. Vae vestir o teu fatinho preto, que tens que te despedir.

Lisboa! Lisboa!

Eu via minha mãe chorar, mas este grito da alma fazia-me zallar o coração.

Aquelle latinorio ficou-me no ouvido. Quando estudei latim encontrei-o. Boa vontade não lhe faltava, pobre mestre!

À noite, depois da ceia, o tio Bernardo julgou dever fallar-me:

— Quando ás vezes me esqueço para ahí horas inteiras a fumar no meu cachimbo, vocês põem-se a rir e dizem, que eu bem o sei: «Lá está o tio Bernardo no Brasil.» Pois é bom que o saibas, antes que o aprendas: nem tudo são rosas na vida. E olha

que na vida do mar os espinhos são muitos. Quando a gente volta e chega á sua casa, esquece tudo. Quantas vezes o diabo não levou a cardada! O que passou, passou. Quando se olha para traz, não se vê senão aquillo de que se tem saudade, e é por isso que eu te não fallo nas fomes, nas privações que soffri, nos perigos por que passei. Não tenhas nunca

nho, as finas mãosinhas das senhoras, fumando o meu charuto, tratando o administrador por *tu* e o padre prior por *você*.

— Agora, rapaz, vae-te deitar e pede a benção á tua mãe.

Então, não sei porque, senti de repente formar-se-me um nó na garganta, e eu, que nem sequer

Quando, depois de bacharel e muito tempo passado a escrever cartas e a procurar empenhos, consegui finalmente ser admittido como amanuense no ministerio da marinha, telegraphiei no mesmo dia a



A ALBANEZA

o mais pequeno desgosto por não seres homem do mar. Andar sobre elle e tentar a Deus, que fez a terra para nós.

Não sei quantas mais coisas me disse o tio Bernardo para me provar que eu, voltando as costas ao Oceano e indo estudar para Lisboa, era o homem mais feliz d'este mundo. Era escusado o sermão. Eu já me via homem, voltando para a terra de relógio e breloques, apertando na praia, depois do ba-

me lembrára d'ella até ali, foi soluçante que mee dei-xei cahir nos braços de minha mãe. Ella apertou-me contra o peito muito, muito, até me fazer doer, e, dando-me um longo beijo na testa, disse-me um adeus tão sumido, tão sumido, que eu quasi oo não ouvi.

No dia seguinte, ao romper da manhã, eu e o tio Bernardo, ambos na almofada da diligencia, partiamos caminho de Lisboa.

minha mãe, que em resposta me mandou dizer que meu pae tinha chegado.

Imagina-se facilmente a alegria com que immediatamente parti.

Havia quasi tres annos que não via meu pae, que apenas de muito em muito tempo vinha a Portugal matar saudades.

Estavamos então no principio do inverno e um denso nevoeiro espalhava-se sobre o mar. Ainda

longe da villa, já eu ouvia o sino da Senhora dos Milagres tocando afflictivamente para indicar o porto aos que estavam fóra.

— O José Sachrista, coitado, disse-me o cocheiro, tem o filho lá no mar e desde hontem de manhã que está agarrado á corda do sino.

Foi talvez o nevoeiro, ou foi aquelle sino tão afflictivo, ou talvez dô do sachrista, que fez com que eu me apeiasse da diligencia, levando oppresso o coração.

No caminho de casa encontrei o mestre da escola, que me veio abraçar todo tremulo, cheio de brancas, aborreado a uma bengala.

— Parabens, muitos parabens. Eu bem te dizia.

Não podes deixar de sorrir-me.

— Que pena, continuou, vires em occasião tão triste!

— O que?

— Não sabes? Valha-me Deus! O tio Bernardo...

— Morreu? perguntei afflictivo.

— Não, felizmente, ainda não. Venho de lá agora. Mas está tão mal...

Não quiz ouvir mais e parti a correr.

Estavam todos reunidos no quarto de meu tio.

Quando entrei, abri os olhos e disse:

— És tu! Ainda bem que vieste. Deu-me o carunchinho e tinha pena de morrer sem te tornar a ver. Já sei que estás amanuense. Sou um homem rude, não sei o que isso é; mas deve ser... muito! Foste longe...

Esteve um momento afflictivo e depois continuou:

— O teu irmão foi menos feliz. Nasceu forte, foi para o mar. O teu pae já está farto de andar por esses oceanos e deu-lhe o cahique.

Olhei para meu irmão. Estava herculeo, e uma barba negra muito espessa descia-lhe até meio do peito. Um pesado grilhão de ouro cahia-lhe do pescoço até ao ventre redondo. Meu tio fitou-me um instante, e sorrindo:

— Olhem que mãosinhas! Tu não vivias no mar dois dias. Eu tive razão. Enfim, graças a Deus, eu fiz todos felizes.

Fechou os olhos e esteve assim por muito tempo, arquejando. Quando os tornou a abrir, procurou-me com a vista:

— Tenho pensado muito em ti... Como é o latínio do mestre?

Não me lembrava, não sabia o que elle queria dizer. Depois lembrou-me:

— *Sic itur ad astra.*

— *Ad astra, ad astra*, repetiu machinalmente.

E com os olhos vidrados, fitando os flôres do tecto, ficou-se a sorrir, como se Deus o houvesse levado para um Brasil ideal.

J. DA CAMARA.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO

POE

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuação do numero antecedente)

E, erguendo a voz, acrescentou dirigindo-se a Carmen, que se aproximara de novo dos dois barqueiros:

— Quando será o casamento?

— Quando Dionysio quizer! respondeu Carmen com vivacidade.

— Ah! se deixa isso ao meu arbitrio não have-mos de esperar muito pelo dia da boda! exclamou Dionysio. Da-me a sua palavra, Carmen?

A donzella hesitou durante um instante.

Carlo quiz bater o ferro em quanto estava quente...

— Em um momento de despeito, disse elle com os labios entreabertos em um sorriso zombeteiro, todos dizem muitas coisas e fazem muitos projectos; mas depois, quando chega a occasião de traduzir em factos esses projectos...

— O que disse, está dito! atalhou Carmen com orgulho. Tem a minha palavra, Dionysio, e castigue-me duramente a Santa Virgem, se eu faltar a cumprir-a!

Passados apenas oito dias, Carmen estava unida a Dionysio Palmano pelos indissolúveis laços do matrimonio...

Depois de haver mostrado no principio uma impaciencia de creança para apressar os preparativos do casamento, a donzella depressa sentira um tal ou qual arrependimento da sua precipitação.

— Se Juanito voltasse... dizia ella de si para si,

No momento decisivo faltara-lhe completamente a coragem... A verdade era que não tinha sympathia alguma pelo seu esposo futuro, cujo character sombrio e cinmento lhe inspirava uma repulsa instinctiva. Mas era já tarde para recuar...

A sua amiga Concepcion Rialva animava tanto quanto podia a pobre noiva, e dizia-lhe que as outras raparigas de Chagres haviam de escarnece-la, se aquelle casamento não chegasse a effectuar-se, ou mesmo se a vissem regressar da igreja com os olhos vermelhos de chorar e o semblante conflagrado e angustiado.

— De mais a mais, dizia Concepcion, ha de haver decerto quem escreva a Juanito, e lhe conte o que se passou... Queres que elle se ria tambem de ti com a formosa americana?...

— Tens razão, respondeu Carmen. Ainda que soubesse que morria, não daria a Juanito a alegria de saber, que commetti a baixeza de esperar o seu regresso! De mais, tenho a minha palavra comprometida com Dionysio. Veni vestir-me, Concepcion, e diz a Dionysio que d'aqui a poucos momentos estarei prompta para o acompanhar...

IV

Dionysio Palmano celebrou o seu casamento com verdadeiro esplendor. As festas prolongaram-se durante muitos dias. Os habitantes da povoação perguntaram com surpresa uns aos outros a explicação do facto estranho de se achar tão abundantemente guarnecida a bolsa de um simples barqueiro; mas nenhum d'elles, apesar de não haver sido esclarecido o mysterio, deixou por isso de aceitar a generosa hospitalidade dos recém-casados.

Terminadas as festas, o barqueiro não podia deixar de voltar ás suas occupações. Havia chegado um paquete com um certo numero de viajantes, que se dirigiam para San Francisco. Carlo Barista, agora proprietario e arraes do pangaio *Santa-Barbara*, tinha contractado a passagem de um viajante para Cruces.

Em consequencia d'isto foi prevenir Dionysio, de que partiria no dia seguinte ao amanhecer. Para celebrarem aquelle ultimo dia de descanso, os dois amigos juntaram juntos em casa de Dionysio. Concluido que foi o jantar, Carmen, que se sentia dominada por tristeza profunda, deixou os dois barqueiros assentados diante de uma grande horracha

de aguardente de *Mercal*, com que seu marido fóra presenteado, e sahio de casa. Com o coração dolorosamente conflagrado e cheios de lagrimas os olhos, foi assentar-se sosinha na margem do rio, precisamente no sitio de onde por ultima vez avistara Juanito.

Já animados pela aguardente que tinham bebido durante o jantar, Dionysio e Carlo soltavam de momento a momento estrondosas gargalhadas, que chegavam aos ouvidos da pobre Carmen, e que mais a entristeciam ainda.

Carmen lançou sobre o semblante o seu *rebozo*, e chorou durante longo espaço silenciosamente, com a cabeça apoiada no tronco de uma arvore. Quando entrou de novo em casa, encontrou os dois barqueiros completamente embriagados, e fallando um para o outro com voz irritada como se estivessem em disputa acalorada.

Quando a viram entrar, os dois homens calaram-se subitamente.

— Deixa-nos sós, lhe disse bruscamente seu marido. Carlo e eu precisamos conversar sobre coisas, que não devem ser ouvidas por uma mulher...

Esta imposição nem por sombras desagradou a Carmen, a qual desejava mais que tudo estar sosinha. Voltou pois a assentar-se na margem do rio, no lugar que momentos antes deixara, e ali permaneceu durante horas, com o olhar fixo na agoa que corria, pensando no ingrato mexicano que a abandonara, e nem mesmo reparando em que a noite desdobrava já em redôr d'ella o seu escuro manto.

De repente ouviu as vozes de Carlo e de Dionysio, que se aproximavam do lugar em que ella se achava. Os dois homens seguiram a vereda, que conduzia da casa de Dionysio para o rio, e que se prolongava em direcção parallela á corrente até á morada de Carlo Barista.

Os dois barqueiros estavam, ao que parecia, dominados por violentissima colera. Carmen, com quanto não pudesse comprehender as palavras, que um ao outro dirigiam, conhecia, pelo acento com que as pronunciavam, que os dois homens se ameaçavam reciprocamente. De subito um d'elles soltou um terrivel grito, a que se seguiu um silencio profundo. Carmen, aterrorizada, procurava conter a respiração para melhor poder ouvir, quando um homem, que a escuridão lhe não deixou reconhecer, passou correndo perto d'ella. Deixou que corresse alguns minutos para dar tempo a que aquelle homem se afastasse, e correu em seguida ao ponto, de onde partira o grito que tanto a tinha assustado. Ouvindo gemidos abafados, parou e viu um homem estendido no chão e banhado em sangue.

(Continua).

ROSICLER

A LAGRIMA

(NO LABORATORIO)

Deu o crystal desfeito, um liquido incolor
Como perola d'agua atravessando o espaço;
Deitou-se-lhe uma gotta apenas d'um licor,
Perdeu a limpidez, tornou-se escuro, baço!

Um liquido traidor!... ás vezes, se namoro
Na esta limpidez do teu olhar, suspenso,
Um flôco de crystal expulso pelo choro,
Fico-me pensativo, e sabes em que penso?

Na falsidade vil das coisas crystalinas:
Porque a lagrima tua ardente e perfumada
Pode occultar o rir nas formas peregrinas,
Pode a mentira ter na alvura immaculada!

MARCELLINO MESQUITA.

O DOMINGO HISTÓRICO

26 de fevereiro de 1828—D. Miguel assume a regencia de Portugal e nomeia o seu primeiro ministerio.

Tendo chegado ao Brazil a noticia do fallecimento de D. João VI, seu filho primogenito D. Pedro outorgou a carta constitucional, a 29 d'abril de 1826, e d'ahi a tres dias abdicou a coroa de Portugal em sua filha, com a condição d'esta princeza casar com o infante D. Miguel.

Este principe, que estava então residindo em Vienna d'Austria, prestou juramento á constituição, celebrando-se a 27 de outubro os seus esponsaes com D. Maria II; mas como esta tinha apenas poucos annos continuou o governo do nosso reino entregue á infanta D. Isabel Maria.

O periodo da regencia foi extremamente agitado; a discordia lavrava no governo, a rainha D. Carlota Joaquina intrigava, as camaras não se entendiam uma com a outra, havia graves dissidencias entre os ministros, e por ultimo a infanta adoeceu perigosamente.

No meio d'esta critica situação, D. Pedro, receando algum successo fatal, decidiu confiar o logar de regente de Portugal a D. Miguel, que saindo de Vienna e depois de passar em França e Inglaterra, e de aceitar o protocolo em que os governos d'este ultimo paiz e da Austria manifestavam os desejos, de que o infante respeitasse a determinação do seu irmão, chegou por fim a Lisboa, no dia 22 de fevereiro de 1828.

Quatro dias depois recebeu a regencia das mãos de D. Isabel Maria, jurou a Carta Constitucional em plena sessão das côrtes, e nomeou o ministerio, que foi composto do duque de Cadaval, ministro assistente ao despacho, José Antonio de Oliveira Leite de Barros, (depois conde de Basto), ministro do reino e interino da marinha e ultramar, Luiz de Paula Fartado do Rio de Mendonça, ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça, conde de Villa Real ministro da guerra e interino dos negocios estrangeiros e o conde da Louzã, D. Diogo, ministro da fazenda.

Alguns d'estes ministros, senão todos, eram conhecidos pelos seus sentimentos anti-liberaes. Os homens que logo em seguida passaram a occupar os cargos principaes, foram igualmente escolhidos entre os poucos ou nada affectos ao systema constitucional; e antes de se completar um mez de existencia do novo governo, eram dissolvidas as côrtes sem que o decreto ordenasse, como exigia a Carta, que se procedesse a novas eleições.

A revolta da guarnição do Porto, em maio seguinte, pretendeu ainda obstar á restauração do governo absoluto; mas os liberaes foram vencidos, e só depois da grande e renhida lucta civil, que se prolongou até fins de maio de 1834, é que poudo finalmente estabelecer-se entre nós o regimen parlamentar.

A. O.

HORAS DE OCIO

Adivinhação

Appareço em todas as manhãs; appareço em todas as noites, e contudo, só me encontram duas vezes em cada anno.

ABILIO CORDEIRO.

Pergunta indiscreta

Que differença ha entre um homem que está valendo ha pouco tempo, outro que está valendo ha muito tempo e outro que está valendo ha muitissimo tempo?

CARMELITA.

Lexicologia

Empregando só as cinco vogaes e as consoantes, e, l, m, n, s, t, formar uma palavra portugueza de 27 letras.

B. C.

Nota

Em presenca das queixas repetidas dos nossos assignantes, que reclamam contra a falta de inserção dos seus nomes na secção das *Soluções certas*, resolvemos, em conformidade com o que praticam alguns jornaes francezes d'este genero, publicar as soluções com dois numeros de intervallo. Assim as soluções do n.º 51 virão no n.º 2 do segundo anno, as do n.º 52 no n.º 3 e assim successivamente. O motivo das faltas de que os nossos assignantes se queixam é effectivamente quasi sempre o de chegarem tarde as soluções.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 416)

XXXIV

Vês, Yegor? disse Nadege. Aquillo não é miragem.

— Sim, vejo, balbuciou Yegor empallidecendo de commoção, é o navio.

Nadege precipitou-se nos braços de Yegor.

— É a salvação, Yegor, é a salvação? repetia ella como louca.

— É a salvação!

— Mas... se o navio se afastasse?

Observaram com attenção. Depois de alguns minutos — bem longos — Yegor disse:

— Julgo que me não enganô. O navio dirige-se para nós. A manobra que está fazendo, tem por fim evitar os rechedos de neve fluctuante, que inypedem a entrada da bahia de Duemene, e por certo não se arriscaria a uma lucta infructifera e perigosa, navegando para o estreito.

— Ah! é talvez o ultimo dia que passamos n'esta praia, Yegor!... Mas se fosse um inimigo?... um navio russo?

— Esperemos! respondeu Yegor, cuja voz tremula revelava que tenia a mesma coisa

— Quando saberemos a sorte, que nos espera? perguntou Nadege.

— Esta tarde, esta noite, amanhã de manhã! o mais tardar, conforme a navegação por entre o ggeio for mais ou menos difficil. Irei a bordo na baydaare.

— Mas se te obrigassem a ficar como prisioneiro... perdido para mim, e para todos?

— Tranquillisa-te, Nadege. Vês tudo em neegro.

— Não, não quero que me deixes, vou commtigo... Levemos as esmeraldas, e, se nos prendaderem, compraremos com ellas o nosso resgate.

— Vir comigo?... na baydaare?... um barquinho, que o menor choque pôde virar?

— Tenho dado provas de coragem até aqui; snão deves portanto duvidar de mim no ultimo momento. Se

nos virem juntos... talvez se compadeçam da nossa desgraça... tão pouco merecida...

— Hei de ir só, Nadege, tenho resolvido, disse Yegor com firmeza.

— Seria expôr-vos demasiadamente, Yegor, acudiu o sr. Lafleur, que tinha escutado a conversação dos noivos. Eu é que hei de ir a bordo...

— O sr. Lafleur! exclamaram simultaneamente Yegor e Nadege.

— Eu. Não tenho que temer. Não sou francez?

— Espero que seja este o ultimo serviço, que nos preste, meu caro sr. Lafleur, disse Yegor apertando a mão do parisiense.

— O ultimo serviço? respondeu elle em tom de protesto. Espero que não.

Yegor quiz que o mestre de dança levasse Nadege para a cabana afim de descansar da grande commoção que soffrera, e preparar-se para todas as eventualidades. Elle ficaria no seu posto de observação. De noite, foi necessario que Nadege e o sr. Lafleur fossem tiral-o de lá. O navio atracara n'um campo de gelo muito perto da praia.

No dia seguinte ao amanhecer, o sr. Lafleur e Tekel dirigiram-se na baydaare para o navio. Sempre que havia aberturas no campo de gelo, a baydaare fluctuando, fazia o seu serviço. O sr. Lafleur, quando sabiu da cabana, admirou-se de ver Yermac a quem desejava fazer abandonar d'uma só vez a Russia e o antipathico mister, que exercia.

Apezar de nascer marinheiro, o sr. Lafleur conheceu logo, que se aproximou, a nacionalidade do navio. Era um barco austriaco.

Atracou, e a primeira cara, que vio, foi a do chefe de policia...

Yermac tinha decidido fazer com que os fugitivos perdessem o tempo e os perigos que correram, e viera expôr ao capitão do navio estrangeiro qual a sua situação e a dos deportados. Concluiu reclamando auxilio. Para chegar á embarcação o chefe de policia precisou expôr-se a muitos riscos durante a noite, por entre os campos de gelo deslocados. De manhã gritou, fez signal e mandaram-lhe um hote. Mas vinte vezes esteve quasi a desaparecer.

O sr. Lafleur achou o capitão sabedor de tudo...

Mas o capitão, que não tinha nada de terrivel, era um rapaz cheio de fogo, um russo, mas commandando um navio austriaco do porto de Trieste, mandado ao estreito de Behring, ao encontro de Nordenskiöld por negociantes d'aquella cidade. Estes, sabendo por cartas do navegador sueco, chegas á Europa por intermedio de alguns telukthas e das estações siberianas, o exito feliz de uma viagem, que abre ao commercio todos os rios da Siberia e enormes jazigos de marfim (no archipelago de Syakhoff) decidiram escolher sem perla de tempo, um logar da costa sobre o mar de Behring, para estabelecerem um porto commercial, uma estação maritima, em que tambem se fabricasse azeite de baleia. O primeiro paragrapho das instrucções do capitão austriaco prescrevia-lhe que fallasse com o illustre navegador na occasião da sua sahida do estreito, onde invernoava desde o fim de setembro do ultimo anno, cercado pelo gelo, faltando-lhe apenas algumas horas para poder sair do estreito com aguas soltas.

Entretanto, Yegor e Nadege, que tambem deram pela ausencia do chefe de policia, começaram a inquietar-se seriamente. Sentados sobre a praia, esperavam com ansiedade cruel a volta do sr. Lafleur, Ladislau estava ao pé d'elles. Quando viram que o parisiense voltava para terra n'um hote tripulado por varios marinheiros, e que fazia um desvio para se-

guir um canal estreito aberto no gelo, não souberam se deviam considerar-se salvos ou perdidos irremediavelmente.

O sr. Lafleur saltou e correu para elle.

—Então? disse Nadege com os olhos arrasados de lagrimas.

—Salvos! gritou o sr. Lafleur. Mas não foi por vontade de Yermac.

—Já o tínhamos dito! murmurou Yegor.

—O tratante foi denunciar-nos... esta noite.

—Ah! exclamou Nadege. E parece-lhe que não devemos recear nada?

—O capitão do *Francisco José* está á nossa espera.

—Se fôr um laço? disse Nadege. Para que ficou Yermac a bordo?

—Não ha laço nenhum, que se possa temer, respondeu o parisiense. O capitão do navio austriaco é Baris Andeyeff, marido de sua irmã, Yegor.

—Meu cunhado! exclamou este.

—Seu cunhado, que depois do seu exilio na Siberia, desgostoso com a arbitrariedade do governo russo, deixou o porto de Riga e foi servir na marinha mercante austriaca, seu cunhado que vai ter o imenso jubilo de salvar os, e que anseia por abraçar o seu amigo Yegor e a amavel companheira, que o ha de compensar de todos os trabalhos e fadigas. É facil comprehender como elle acceitou a denuncia de Yermac. O capitão Andeyeff levar-nos-ha para onde quizermos: para um porto do archipelago do rei Jorge, dos Estados Unidos, ou até da California. Para onde quer ir?

—Para onde quero ir?... respondeu Yegor. Depois do meu casamento, quero ir... para França!

—Lá é que fica Chateau-Thierry... disse o sr. Lafleur sorrindo alegremente. Iren os juntos... se a senhora Semennoff dê licença.

Nadege fez-se encarnada como uma cereja.

—E viva a liberdade! exclamou o parisiense. Agora, accrescentou elle, abracem-me meus queridos amigos!

Yegor, Nadege e Ladislau precipitaram-se nos braços do excellent sr. Lafleur.

—Cuidado, disse elle enxugando uma lagrima com a mão, olhem que me quebram a rebeca...

Uma hora depois achavam-se os fugitivos a bordo do navio austriaco, tão bem como em sua casa. Despediram-se de Tekel e Chort, e agradeceram-lhes os bons serviços, que tinham prestado. Yegor deixou-lhes as nartas e tudo o que continham, inclusive as armas, — exceptuada a espingarda de caça do governador de Yakutsk e as curiosidades da nova collecção do sr. Lafleur. Gratificou-os além d'isso com quasi tudo o que tinha em rublos, — dinheiro e papel, que era uma somma soffrivel.

Os dois guias despediram-se dos viajantes com saudosa ternura. Propunham-se esperar que o chefe de policia voltasse para terra, e partir logo.

A satisfação do capitão Andeyeff foi immensa. Seria completa a sua felicidade se tivesse podido convencer Yermac a esquecer o passado e tornar-se outro homem. Este porém conservava-se inabalavel, surdo a todos os argumentos de persuasão.

O sr. Lafleur quiz fazer-lhe algumas censuras pelo seu procedimento. O cunhado de Yegor interveio, e tomou a defeza do chefe de policia, dizendo com energia:

—E' um homem de bem!

(Conclue no proximo numero).

leves elementos que servissem de guia ao decifrador mas, visto declarar-nos que já ha precedentes, e como em Portugal os precedentes justificam tudo, desde já lhe declaramos que, se quizer ter a bondade de nos enviar outra charada littero-novissima, immediatamente a publicaremos. A que já nos enviou, não a podemos publicar, porque fomos indiscretamente revelar a solução aos nossos leitores. Declaramos tambem que aquelle dos nossos assignantes, que decifrar uma charada n'essas condições, pode só contar com a nossa mais sincera e mais profunda admiração. Pela nossa parte julgamo-nos perfeitamente incapazes de adivinhar, perante esta expressão algebrica $M^3 e^3$, que ha aqui outra coisa que não seja o cubo de M , e o cubo de e . Sentimo-nos capazes de extrahir a esta expressão a raiz cubica, ora agora Penafiel é que nunca lhe extrahiriamos.

Mas, querido senhor Hamlet, o que podemos affirmar-lhe é que nos tem dado muitissimo gosto as suas cartas, que, se brincamos com o seu nome, foi sómente por mero desenfado, e sem desejo de lhe causar o mais leve desgosto. Bem basta a estopada que Vossa Alteza apanha de cada vez que se encontra com o espectro do senhor seu pai. Tambem já sabemos que se não zangou connosco, porque nos declara que continuará a enviar para o nosso jornal o fructo das suas luctuações, e a interessar-se pelas nossas *Horas de Ocio*. Com isso ficamos realmente e sinceramente muito penhorados.

D. E. — O seu logogrifho precisa de muitos concertos. Queriamos acudir-lhe, mas parece-nos que o melhor será pedir-lhe outro mais apurado. O logogrifho esta engenhoso, mas os versos é que não estão bem alinhados. Um tem oito syllabas, outro sete, outro seis. Já vê que não podem entrar capazmente na formatura. Olhar direita!

Depois veja que chamar á Escola Polytechnica «mãe de muitas e bellas artes» é talvez classificar-a de um modo um tanto vago, tanto mais que a Escola Polytechnica é solteira, e que o verso tem nove syllabas.

Pois então tenha paciencia, e faça favor de não desanimar. Mais a'gum cuidado nos conceitos, e, quando metter os versos na formatura, não

se esqueça de dar o mesmo numero de filas a cada pelo-tão. Ora muito bem! Direita volver; ao seu quartel, ordinario marche. Appareça para a outra vez com os pelotões bem alinhados, e será acolhido com todas as honras militares. Apresentar armas!

EXPEDIENTE

Brevemente será distribuido aos srs. assignantes e correspondentes o indice e capas para brochura do 1.º volume.

A ADMINISTRAÇÃO

Typ. e Lit. Portuguesa — Calçada do Tijolo, 39 (à rua Formosa)



O CAPTIVO

CORRESPONDENCIA

Hamlet. — Desculpe-nos Vossa Alteza, mas ninguem metteu a ridiculo o tragico soberano da Dinamarca, nem o seu augusto filho.

Não estranhámos o pseudonymo, pelo contrario. Pareceu-nos que a pessoa que se dedicava a fazer charadas e enigmas não podia escolher melhor padroeiro, porque o amigo de Horacio era homem dado a logogrifhos, e tanto a rainha sua mãe como Claudio seu tio, como Polonio que esteve para ser seu sogro, como Ophelia sua mysteriosa namorada, como os comediantes, como os cortezaes, nunca foram capazes de entender claramente o que elle dizia, e tão incomprehensivel era o homem que até a tragedia, que inspirava ao immortal Shakespeare, tem sido, como sabe, assumpto de um numero interminavel de commentarios e de explicações.

Agora passemos ao assumpto. A charada littero-numerica, pareceu-nos realmente que não tinha os mais